

A UNIVERSIDADE AMIGA DO ENVELHECIMENTO

CHRISTINE O'KELLY

Diretora da Rede Global de Universidades Amigas do Idoso e coordenadora da iniciativa na Dublin City University christine.okelly@dcu.ie



Desde 2012, a Dublin City University (DCU), na Irlanda, lidera uma iniciativa de valorização das oportunidades geradas pelo envelhecimento demográfico ao redor do mundo. Após um longo processo de consulta à comunidade, foram lançados os 10 princípios para uma Universidade Amiga do Envelhecimento:

1. Incentivar a participação de idosos em todas as atividades principais da universidade.
2. Promover o desenvolvimento pessoal e de carreira na segunda metade da vida.
3. Reconhecer o leque de necessidades educacionais dos idosos.
4. Promover a aprendizagem intergeracional.
5. Ampliar o acesso a oportunidades educacionais online para idosos.
6. Garantir que a agenda de pesquisa da universidade contemple as

necessidades de uma sociedade em envelhecimento.

7. Aumentar a compreensão dos estudantes sobre a crescente complexidade e riqueza que o envelhecimento traz à sociedade.

8. Melhorar o acesso dos idosos aos programas de saúde e bem-estar da universidade e suas atividades artísticas e culturais.

9. Participar ativamente da comunidade de aposentados da própria universidade.

10. Assegurar um diálogo regular com organizações que representam os interesses do envelhecimento da população.

Desde o lançamento desses princípios, a rede de universidades amigas do idoso chegou a 57 instituições na Europa, América do Norte e Ásia. A quarta revolução industrial promoverá saúde e riqueza entre os idosos através do uso de tecnologias sofisticadas. A conscientização so-

bre o impacto do envelhecimento demográfico global coloca as universidades em uma posição única para aproveitar as oportunidades e os desafios dessas revoluções.

Uma das áreas emergentes do Ensino Superior é a necessidade de acomodar uma força de trabalho multigeracional. Compreender os valores relacionados a equipes formadas por pessoas de idades diferentes ajuda a otimizar o ambiente de trabalho, alavancar atributos naturais e maximizar a produtividade. Os jovens podem injetar energia nas equipes. Os idosos são os especialistas em envelhecimento, são os que podem mudar o futuro. A parceria é que gera uma real oportunidade de promover mudanças.

GAUCHAZH

Confira o Ideias para o Futuro 60+ em bit.ly/ideias60gz

ARTIGO

AJUDE A CRIANÇA A CRESCER

PAULO CÉSAR TINGA

Ex-jogador e cidadão



Na véspera do Dia das Crianças, vale a reflexão: criar filhos é um desafio, ainda mais quando o pai é um ídolo. Na verdade, é uma faca de dois gumes. Se por um lado isso ajuda a abrir portas, por outro pode alimentar dois tipos de culpa, especialmente se a criança decide seguir os passos do pai. No caso do futebol, se tiver a oportunidade de jogar em um grande clube, a culpa é por aquela dúvida que fica martelando na cabeça: será que eu estou aqui porque sou bom ou porque sou filho do meu pai? Se não der certo na carreira, a culpa é por ter falhado e decepcionado a família, sendo filho de um ex-jogador.

Desde cedo, decidimos seguir um conceito com o nosso filho Davis. Ele deveria fazer o caminho dele. Nada de telefonema ou tentar carteario no Inter ou no Grêmio. Ele foi fazer peneira no São José. E passou. Carona de

carro para o treino? Nada disso. O Davis vai de ônibus, igual aos seus colegas. Não foi fácil, porque os pais sempre querem proteger e facilitar a vidas dos filhos. Mas, se facilitar demais, atrapalha.

*Os pais sempre
querem proteger
e facilitar a
vidas dos filhos.
Mas, se facilitar
demais, atrapalha*

Semana passada, o Davis foi jogar pelo São José contra o Internacional pelo Gauchão sub-17. Ele nem imagina quanta coisa passou pela minha cabeça, também porque sou colorado e ele sabe disso. Nem fui ao estádio, para não chamar a atenção

para mim e criar ainda mais pressão. Mas, de alma e de coração, eu estava lá. No meio da partida, recebi uma mensagem de WhatsApp: "Tu nem imagina o que aconteceu". Veio junto um vídeo.

Meu coração disparou, mas no fundo eu sabia que era coisa boa. Cliquei e vi o Davis pronto para bater um pênalti. Ele deu três passos longos para trás. Acelerou para a frente e, de cavadinha, mandou a bola para a rede. Depois teve mais um gol dele, de falta, vencendo a barreira. O São José perdeu por 3 a 2 mas, para mim, ficou um gosto especial de vitória. Alguma coisa mudou. Meu filho cresceu de repente, virou homem grande. Sem culpa, fez dois gols contra o time do coração do pai. Era isso o que queríamos. Senti como se fosse uma libertação.

Sozinho, em casa, reví aqueles vídeos várias vezes, enquanto chorava feito criança.

EM DIA

EM FRENTE, MAS EM SILÊNCIO

ELY JOSÉ DE MATTOS

Economista e professor da Escola de Negócios da PUCRS ely.mattos@pucrs.br



Na década de 1980, uma clássica propaganda dos biscoitos Tostines ficou famosa. Tratava-se do "mistério Tostines": vende mais porque é fresquinho, ou é fresquinho porque vende mais? É uma interessante retórica da causalidade, ou seja, um questionamento quase filosófico sobre a ordem das coisas.

Em economia, causalidade é um dilema que raramente consegue ser respondido com alguma certeza. Um dos exemplos disso é a disputa teórica sobre a chamada Lei de Say, proposta por Jean-Baptiste Say no início do século 19. Segundo ele, a oferta criaria sua própria demanda. Quer dizer, a produção precede a demanda na dinâmica de uma economia. Os recursos inicialmente gerados na produção seriam destinados ao consumo dos produtos e qualquer sobra de renda seria reinvestida no setor produtivo.

Mais de um século depois, John Maynard Keynes questionava essa lei através da incorporação de outras variáveis, como a função da moeda. Segundo Keynes, a Lei de Say não se sustentaria em um cenário no qual nem todo recurso é reaplicado no sistema produtivo e onde a moeda, além de meio de troca, também funciona como reserva de valor. Assim, o sistema não se autorregula plenamente, carecendo de intervenções estatais, especialmente na demanda, para que funcione bem.

Dois visões contraditórias, portanto, que permeiam boa parte das discussões dos economistas sobre política econômica. Discutir causalidade é central para que se possa agir! No momento em que se assume determinada direção entre causa e efeito, obtém-se uma prescrição de plano de ação. E isso vale tanto para a economia agregada quanto para mercados específicos.

Nesta semana, a Uber anunciou uma nova modalidade de transporte: a silenciosa. O cidadão poderá solicitar, pagando uma taxa adicional, um motorista que não converse com ele. Pergunto, então: essa modalidade é uma demanda da sociedade ou uma oferta inesperada que buscará gerar seu próprio mercado? Está mais para Keynes ou mais para Say?

Qualquer das opções é triste. Até a combinação delas – que é o mais provável – é agonizantemente triste. Como é possível termos chegado ao ponto de nos dispormos a pagar para sermos antissociais? Ou, de outro lado, que tipo de mercado é esse que se propõe a gerar uma demanda por serviços antissociais como se fosse uma fruta? É urgente pensar sobre essas perguntas para podermos agir. Ou seguimos adiante em silêncio (e sozinhos)?

*Em economia,
causalidade é
um dilema
que raramente
consegue ser
respondido
com alguma
certeza*

Ely José de Mattos escreve às sextas-feiras, a cada 15 dias. Segunda-feira: **Alfredo Fedrizzi**, consultor e jornalista.